



OS RIDÍCULOS



HA 50 ANOS QUE ESPERAVA
PELA ABERTURA
DESTA CAÇA!!

158
...E EU HÃ
500!!



OS GRANDES PONTOS INTERNACIONAIS

Isto meus amigos, está um bocadinho difícil para se escolherem os Grandes Pontos desta semana. Verdadeiramente, parece que estão todos os grandes a querer ser grandes pontos, como se alguém lhes tivesse dito que havia cá por estas bandas um importante órgão de comunicação social (é assim que se diz, não é?) que dava especial destaque aos que fossem grandes pontos, e houve logo uma cimeira entre todos eles para se candidatarem...

Veio logo a correr o senhor Kissinger, todo de pespedeado à mostra, a gritar que ele é que ainda continuava a ser o mais importante dos grandes pontos porque afinal ainda não tinha arrumado as botas do seu caso mais importante, o do conflito do Médio Oriente. E dizia que se ele (Kissinger) não tinha dado muito nas vistas ultimamente, era porque os parvos dos árabes e os estúpidos dos israelitas tinham decidido fazer umas pequenas férias no conflito e por esse lamentável motivo ele estava a ser muito prejudicado na sua publicidade: de mas que ao que lhe constava, a coisa já já começara muito brevemente e portanto que a sua candidatura se ia reforçar...

Pois é. Mas logo a seguir saltou o senhor Ford a dizer que não havia direito que um seu funcionário lhe roubasse as horas de grande ponto, até porque ele, Ford, é que tinha tido pena do homem ficar sem emprego e se havia de meter outro que andasse por

ali às aranhas nas andanças internacionais, tinha tido a ideia de lhe deixar ir fazendo o lugar, melhor ou pior, porque se o fizesse bem, ele podia dizer que era a política presidencial que estava a subir de forma: e se fosse pior ele respondia que a culpa era de ter ficado no governo um funcionário do governo antigo, que é sempre uma coisa chata. E a isto, dizia o senhor Ford, chama-se diplomacia, democracia e filosofia, tudo coisas que o deviam creditar ao posto de Grande Ponto...

Estávamos nós a assistir a esta cimeira sem saber como havíamos de desempenhar a questão quando apareceu o sr. Brejnev a dizer que era preciso termos muito cuidado com a nossa decisão, porque ele tinha também uma palavra a dizer e essa palavra iria ficar memorável, pelo impacto que iria ter em todo o mundo onde todas as suas palavras eram atentas e cuidadosamente analisadas para se poder verificar que eram bacteriológicamente puras como nas análises do senhor Charles Lepierre. E como abrimos a boca para dar a nossa opinião, o sr. Brejnev levantou um braço a interromper-nos para nos dizer que em sua opinião, a nossa opinião era simplesmente uma opinião e que em sua opinião nós devíamos antes de mais nada atender à sua própria opinião visto que em tudo se verificava que por toda a parte estavam a surgir diversas opiniões que era preciso analisar cuidadosamente porque ninguém se pode arrogar o direito de ir contrariar

as opiniões de cada um visto que todos deviam ter o direito de sua opinião desde que essa opinião fosse a sua (dele, Brejnev) opinião.

Como vocês estão a ver continuamos bastante à lasca para descobrir quem é que deveria ser o grande ponto internacional, e até chega-

do a pensar em propôr para o cargo aquele pándego lá do oriente que mandou matar o autor do atentado contra ele, cortando-lhe a cabeça. Claro que mandar cortar a cabeça a um gajo que nos quiz matar não tem importância jornalística nenhuma, mas o que o torna importante é o sacana

de pormenor de delicadeza de, considerando que o autor do atentado era de sangue azul (como se dizia antigamente) e parente da família real, a sua nobre cabeça foi cortadinha com uma espada de ouro, o que certamente o condenado apreciou devidamente...

CARTAS AO DIRECTOR

Exmo. Senhor Director,

Como presidente do Sindicato dos Profissionais do Furo e Ofícios Correlativos (ex-sindicato dos Ladrões e Similares) venho, em representação da classe, insurgir-me violentamente contra a capa do último número.

Fazia, V. Exa. a acusação gravíssima para a classe que represento de não colaborarmos na "batalha da produção" através de uma recusa em roubar enxadas, foices e outros artigos necessários ao cultivo dos campos.

Tal acusação, Sr. Director, é totalmente destituída de fundamento. Para o provarmos bastará salientar as actividades conhecidas nesse ramo, só durante o corrente mês:

Dia 1: Uma quadrilha chefiada pelo Chico Hortaliça roubou, em Beja, trinta e quatro enxadas, sete cinchos de fabrico russo, quatro foices novas e três usadas e dois sacos de adubo.

Dia 2: O nosso associado nº 316, António Silva (o "Lavrador"), conseguiu roubar, no Couço, todas as enxadas arrecadadas na Quinta das Amoreiras aproveitando um comércio que, àquela hora juntava toda a gente na Casa do Povo.

Dia 10: Correspondendo ao convite da Intersindical fizemos um grande dia de trabalho tendo equipas chefiadas pelos nossos associados 17634, o "Rohas", 876, José Santos (o "O Vesgo") e 24342, Fernando Carneiro, "Lingrinhas", roubado 1 debulhadora de sete toneladas, um tractor modelo checo, 174 arados, 3279 enxadas, 154

gógica e que só servirá para dividir, ainda mais, a classe trabalhadora. Para que o Povo Português fique consciente do nosso interesse em colaborar na batalha da produção e não fique chocado com uma inércia, realmente inexistente, sugerida pelo capa do nosso último número, solicitamos, Sr. Director, o favor de publicar, ao abrigo da Lei de Imprensa em vigor (embora, ao que se diz desactualizada)

Se atendermos a que nes-



tas actividades não estão incluídos trabalhos particulares de amadores não inscritos e que, devido à burocracia ainda existente no nosso Sindicato (vícios ainda não apagados da longa noite fascista) não temos ainda, em mão, grande número de relatórios, podemos afirmar, Sr. Director, que consideramos a capa do nosso último número uma manobra provocatória, dema-

com grande destaque, esta nossa carta.

O Presidente do Sindicato Joaquim Ferreira - sócio nº 545 ("O LUVAS")

P.S. - Pedimos desculpa por não estar a assinatura reconhecida com selo branco mas o nosso antigo funcionário de secretaria roubou-o no dia em que foi saneado.





CAPITALISTA

A
RACIONA-
ÇÃO
DA
CONSTITUIÇÃO
DE
1933

ORA CONTE-NOS...
SE LHE
FOSSSE PEDIDO
QUE LEI
PROPORIA
VOCÊ PARA A

CONSTITUIÇÃO?

O QUÊ?!... VAI HAVER
OUTRA CONSTITUIÇÃO?
SOU SEMPRE O
ÚLTIMO
A
SABER!



MARIDO
ENGANADO



SOLTEIRONA

DISTRIBUIÇÃO IMEDIATA
DOS ARTIGOS DE PRIMEIRA
NECESSIDADE:
HOMENS!!!



PEQUENO
AGRICULTOR



UMA ENXADA
A CADA
DEPUTADO
E UM
TRACTOR
A CADA
MINISTRO...

PROPÔR...JA'
EU PROPUIZ
76... MAS
NENHUMA
* FOI
ACEITE



BÉBADO

"O VINHO
A QUEM
O
BEBE"

DEPUTADO
EXTREMISTA



Crônicas

Medievais

A FUNÇÃO ERÓTICA

D. BRIOLANJA

— Vinde cá minha estremosa filha que vos quero falar...

ALDEGUNDES

— Dizeide, querida mamã, mas dizeide prestes. Bem sabeides que é mister que saia de casa antes do regresso do papá, e ele por certo não tarda...

D. BRIOLANJA

— Francamente, minha boa filha não compreendo essa relutância em vos encontrardes com o vosso augusto progenitor...

ALDEGUNDES

— Mamã, começo a ficar desconfiada com essa coisa de chamar augusto ao papá. Parece que tendes esse nome gravado no subconsciente da moleirinha. Haveríeis conhecido algum senhor chamado Augusto antes de conhecedes o papá Tomázio?

D. BRIOLANJA

— Não seja impertinente, menina. Sabe muito bem que não é próprio fazer perguntas dessas. Mas não me haveídes respondido ao que vos perguntei: porque motivo não queríeis encontrar-vos com o vosso progenitor antes da vossa saída vespertina?

ALDEGUNDES

— Bem o deveídes saber, mamã. Ou acaso não haveídes percebido a última conversa que ele teve comigo sobre os assuntos da política do nosso antigo reino?

D. BRIOLANJA

— Devo confessar-vos, minha estremosa filha que não compreendi essa conversa...

ALDEGUNDES

— Pois isso muito me admira. Ficaide sabendo que o meu vetusto progenitor quis propôr-me um casamento de conveniência...

D. BRIOLANJA

— Um casamento? E com quem, poderei sabê-lo?

ALDEGUNDES

— Isso é que eu ainda não percebi. Mas como dona que sou, percebi muito bem que ele tinha interesse em que eu me encaminhasse para os lados do himeneu com um peralvilho qualquer que para isso lhe tinha sido recomendado. E claro, levou logo com o chiça...

D. BRIOLANJA

— Credo, menina, que linguajar plebeu! Até parece que haveídes esquecido a vossa estirpe!

ALDEGUNDES

— Não me faleídes em estirpe, mamã. Ficaide sabendo que desde que fomos exilados do nosso antigo reino, tenho estudado profundamente a ciência da política, para tentar perceber porque motivo fomos corridos. E hoje para mim a política não tem segredos...

D. BRIOLANJA

— Menina, que blasfêmia! Uma donzela honesta que se preza não deve nunca falar dessas

coisas vergonhosas como são a política e a pornografia!

ALDEGUNDES

— Ora, ora, mamã! Não seídes bota de elástico! O que vos precisádes é de ir algumas vezes a essas ocultas casas onde fazem funções com esse novo invento de lanterna mágica que mostram num grande lençol branco figuras que se mexem como as pessoas: assim uma espécie de retratos animados, que falam e tudo!

D. BRIOLANJA

— Credo, filha, por que antrós tendes andado! Isso deve ser coisa de bruxaria alienante!

ALDEGUNDES

— Não seídes pataroca, mamã. Chama-se a isso cinema. E nele se descrevem cenas íntimas...

D. BRIOLANJA

— Filha, filha, que está o mundo perdido! E atrevem-se a representar cenas... indecorosas, daquelas que só se devíam passar no mais íntimo segredo das alcovas conjugais?

ALDEGUNDES

— Tudo! E com todos os pormenores!

D. BRIOLANJA

— E qualquer pessoa pode assistir a essas pecaminosas funções? E ver tudo o que fazem?

ALDEGUNDES

— Naturalmente! Basta pagar alguns cruzados para entrá... Geralmente vão sempre aos pares, gentilhomens e donas — ou pretensas donzelas...

D. BRIOLANJA

— E as pessoas assistem a tudo isso... com copístura e decoro?

ALDEGUNDES

— Até certo ponto! Quando as cenas começam a ser mais íntimas, e as pessoas começam a ter ideias... em certas alturas verifica-se uma certa balbardia... os mais novos aprendem o que ainda não sabíam: e os mais velhos lembram-se do que já tinham esquecido...

D. BRIOLANJA

— Ai, que não sei o que estou sentindo! Só de pensar nessas cenas indecorosas parece que me está subindo o sangue à cabeça...

ALDEGUNDES

— Pois ficaide sabendo, mamã, que o mesmo sucede lá às pessoas, e que é por isso que essas cenas de funções estão sempre cheias. Parece que toda a gente gosta de sentir o sangue a subir à cabeça. Ainda na outra noite mostraram uma função...

D. BRIOLANJA

— Assim... de fazer subir o sangue à cabeça?

cont. na pág. 14

OS CHULOS



chula é do Norte, os chulos são de Lisboa. Como as danças, os tipos humanos têm a sua localização geográfica, a sua população de devotos e as suas características climáticas e intransmissíveis. Distingue-se num açopeio a chula rabela do saracoteio de rãfia dos paratintins e não se confunde, mesmo através de quarenta e oito anos de treva, o chulo de Lisboa com o seu congêneres escalabitano, o seu confrade da Invicta, ali os Clérigos, ou ainda o seu consócio praieiro em empreendimentos algarvios. Um tem toda uma tradição atrás de si, os outros aprendem à custa dos erros, num espírito e provinciano despertar de vocações. Porque o chulo de Lisboa nasce profissional, constitui uma casta, possui uma linguagem, um estilo, um sotaque e, quase sempre, um copioso cadastro policial.

Acabaram os pregões, os saloios preferem ao burro folclórico e detencoso a "station" nervosa e papa-quilómetros, escasseiam, rareiam, ninguém os tipos populares, estamos em vias de aceitar os "hippies" como uma evolução do traje à minhota... Porém, o chulo resiste à influência externa, conserva-se no seu posto, galhardamente, enfrenta com um sorriso displicente a lei que suprimiu a prostituição sem extinguir as suas razões, vence a inflação, cresce com os tações alto, prolifera, afunila as patilhas e, de olhos melados, ombros de alfaiate e relapante voracidade, afirma a sua perseverante presença no panorama tão

abalado dos nossos costumes e tradições. O chulo é o último abencerragem de uma sociedade fadista, machista e parasitária que acredita na boémia pífia da "chapa ganha, chapa gasta" e em adágios crápulas como "quanto

guila e palito nos dentes a esgaravatar o seu ócio atávico. Suspiram por ele e arqui- tectam-no bem castigador e bem "pinta bacana", a protegê-las nos meandros de uma vida com muitas esquinas e escadas às escuras. De olhos

classe em várias ordens — e o mesmo sucede com os chulos. Eles agrupam-se em várias categorias, desde o propriamente ditos e já atrás citados que são os mais pelintras até outros, de alto coturno e idônea aparência.

Uns homens gostam das loiras, outros das morenas, há quem perca a tramontana com as mulheres altas, há quem entre em "delírios tremens" à passagem das pequenas como bonecas mas a maioria prefere as herdeiras... Esta espécie, notavelmente diminuída de há um ano para cá, constituiu através dos séculos uma das mais atraentes para o homem e decerto a mais procurada. Existem lá olhos que, em brilho, se comparem ao faiscar das libras de ouro! Existe lá busto generoso que se iguale ao redondo aconchegado de uma saca, recheada de pratas! Existem lá ancas que superem um dote substancial! Existe lá perna mais tentadora do que um bom "pé-de-meia"! Numerosos casamentos, em vez de terem sido celebrados em Igrejas, deviam ter decorrido à boca do "guichet" de um Banco, substituindo o sacerdote por um tesoureiro e os padrinhos por quatro fiadores...

Tanto entre os marginais como entre os que não o são, o amor percorre caminhos muito estranhos. Cupido, o Deus do Amor, que dispara setas direitas ao coração dos homens, sempre teve grandes resultados quando, em vez disso, lhes acenou com notas à carteira...



mais me bates, mais gosto de ti", que põe em prática os truques mais baratos de Sade e Masoch e acaba, infelizmente acaba, tísico, alcoólico ou recluso, passada a idade em que lhe compram a sedução. Também fecha a Bolsa a que ele recorre onde as cotações variam com os dias do mês, o movimento marítimo e as rusgas.

Para as mulheres do Sodré, do Bairro Alto, vulgo bairro Bife, do Intendente e de outros cabarés do mesmo jaez que constelam as oras mortas da cidade, o chulo constitui uma espécie de "Prince charmant" às avessas, com ar re-

fechados, são elas, as pretensas vítimas, que elegem o seu carrasco, que o buscam, cortejam, adulam e conquistam, no intuito de se autopunirem e tornarem a sua vida mais infernal. A mulher de "vida fácil" arrasta consigo um permanente complexo de culpa, a consciência da sua condição de mercadoria e desta se pretende libertar, ao transferi-la para um homem que sustenta. O chulo representa o seu tubo de escape, o alibi.

Mas, no reino animal, do falante ao que faz folhas na água e do que ruma as suas necessidades ao que pensa nos seus apetites, divide-se cada



ANEDOTAS QUE NOS CONTAM

Continuando com a vossa modesta e bem intencionada secção, aqui têm, prezadíssimos leitores, mais duas anedotas que há tempos nos contam. Eis a primeira:

Amparado a uma esquinha, próximo de uma igreja, um bêbado vomitava. Passa uma senhora que vinha da missa e, com aquele ar beatífico e misericordioso que certas pessoas têm — mas que nem sempre corresponde ao que lhe vai pelo interior — exclamou: — “Que misérias, meu Deus, que misérias!”...

Ao que o bêbado, por entre os vômitos, retorquiu: — “Não são mi... sérias, minha... senhora... são... far... turas!”

E aqui têm a segunda: Era um guarda republicano daqueles que nunca tinha feito mal a ninguém (coisa rara, embora possa haver bons rapazes na corporação) — nem sequer uma multa tinha aplicado fosse a quem fosse. Um dia, o posto mudou de chefe — para pior, pois passou a comandá-lo um daqueles sargentos retorcidos, mesmo quando não têm bigodes — e logo começou atentando, o bom do guarda. Até que um dia lhe disse sem mais rodeios: — “O senhor é negligente. Nunca apresenta serviço, nunca levanta um auto a ninguém — nada. Se assim continua vai mal porque tenho de participar a sua negligência e isso é mau”.

O pobre do guarda lá se defendeu como pôde mas, contra certos chefes, era (já não é ou é ainda) o mesmo que malhar em ferro frio ou “falar para o boneco”. Que não desse desculpas, que apresentasse serviço. E o bom do guarda lá foi para casa preocupado com a sua negligência e com o que ela lhe poderia acarretar. E, pensando e repensando, foi-se empedernindo, envenenando e, tomando

decisões contra o seu bom carácter — como sucede a tanta boa gente que se faz má porque certa outra gente vil a atentar um dia e outro até que a pervertem. Ao outro dia de manhã, saiu de casa com a decisão inabalável de, desse por onde desse, “apresentar serviço”. Poucos passos andados, depara com um pobre homem que seguia muito des preocupado para o seu trabalho.

— “É mesmo este!” — pensou o atentado guarda republicano. E, sem mais aquelas,

disse para o homem, fazendo-o parar:

— “Eh! O senhor está multado”.

— “Mul... tado, senhor guarda? ! Mas, porquê? !”

— “Porque não tem licença de cão!”

— “Licença de cão? ! Mas, eu nem sequer tenho cão? !”

— “Ah, não tem? ... Pois, arranhe-o! Arranhe-o, que da multa ninguém o livra!”

E lá conseguiu fazer, dessa maneira, a vontade ao sargento... bera!

ARIM

QUEM RESPONDE

— SERÃO OS TRABALHADORES OU A ADMINISTRAÇÃO DA REPÚBLICA A PAGAR AS DESPESAS DE SELAGEM E DESSELAGEM DO JORNAL? SEMPRE SÃO UNS QUFLOS DE CHUMBO FORA A MÃO-DE-OBRA!

— AGORA QUE O TABACO FOI NACIONALIZADO “FUMAR É DAR DE COMER A UM MILHÃO DE PORTUGUESES?”

— AGORA QUE A U.D.P. TEM UM CANDIDATO NA CONSTITUINTE PODERÁ CHAMAR-SE “UmDP”?

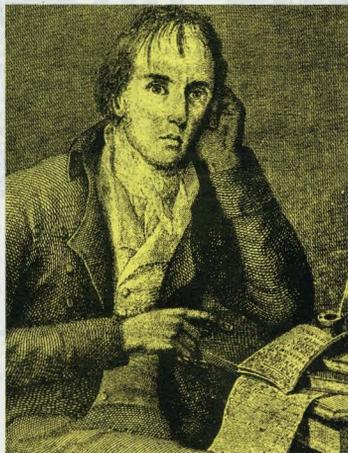
— ROUBAR VOTOS É UM ACTO POLÍTICO?

— ROUBAR LIVROS É UM ACTO CULTURAL?

— ROUBAR PENICOS É UM ACTO DE IMAGINAÇÃO?



SÁTIRA DE JOSÉ AGOSTINHO DE MACEDO



BOCAGE

Of versos mordazes e sarcásticos de Bocage atingiram muitas vezes outros notáveis vultos da nossa literatura. Teve um extraordinário impacto no mundo das letras portuguesas a sua célebre "Pena de Talião" com que respondeu a uma sátira que lhe dirigiu o poeta José Agostinho de Macedo. Assim, e para que melhor se compreenda a "Pena de Talião" começamos hoje por publicar a referida Sátira de Agostinho de Macedo, reservando para o nosso próximo número a caustica réplica que Bocage lhe deu:

SEMPRE, ó Bocage, as sátiras serviram
Para dar nome eterno e fama a um talo
Vivem Crispino, Cluvenio e Codro
De Juvenal nas sátiras sublimes;
E de Horácio o rival ذو nome e fama
Ao pedante Colim. Tu não quizeras
Teu nome eternizar, mas a verdade,
A justiça, a razão mais alto bream,
E o flagelo da sátira merece.
Teu estovar orgulho, a súdicia tua.

NÃO ataco a virtude, ataco o vício;
Nunca se imputam naturais defeitos;
O crime da vontade é só punível.
C'um semblante de sábio podias
Ser poeta e filósofo prestante;
Foi Sócrates enorme e Pope horrendo;
Era pequeno e barrigudo Horácio,
Nem ser pobre se opõe ao gênio, às artes:
Foram pobres Camões, Homero e Tasso.
Nem ser vadio nem poeta é crime,
Nunca um poeta bom teve outro ofício.
Tu és vadio, és magro, és pobre, és feio,
E nada disto em ti reprovo ao noto.

Mas posso emudecer quando contemplo
Que queres ser um digno em poesia,
Que, arrogando tuo Parnaso o cume,
Ouves já, sobranceiro ao charco imundo,
Gritar as rãs e insetos paludosos;
Quem tão ferreo será que se contenha,
Quando as estátuas vir, que tu, soberbo,
Enramadas de louro a ti consagas?
Que um Deus te inspira, que fervendo em estro
Improvisos oráculos arrotas!
Fantarão glossador, chamas divina,
Celeste inspiração, celeste fogo,
Gritando amplificar sedicões motes,
E merecer d'ofício um bravo, um belo,
Dum vão paralta ou dama enfatuada,
QUE pede ao Céu que o trovador se cale,
E que se escute a voz do chego a pares,
Onde o maligno e folgazão Cupido
Faz mais conquistas, mais escrovas prende
Que enfermos mata um médico no Ontono,
E que tu fazes traduções quadras,
Que Tétrico já fez há quarenta anos,
Quem tão ferreo será, torno a dizer-te,
Que a douts pena em tóxicos não molhe,
Quando te ouvir queixar de inulto, injusto,
Inumerável esquadrião de zoilos,

Que em vão procura denegrir teu nome?
TRADUTOR d'aquell, quem são teus zoilos?
Tu, que soldo de um frade ao mundo embutes
Rasteiras epias d'originaes soberbos,
Que vulto fazeste? quais são teus versos?
Teus improvisos? queixas três motes,
Com lugares comuns de facho e estas,
Velhos arreios de Menino (dádio)!
Glossar e traduzir isto é ser vates?!

DEITASTE a perder, que a natureza
Não te naja seus dons; é doce, é terno,
Delicioso também quanto cantaste
Aonde o berçoim nascido o dia,
Vê como justos, mas á soberbia
Faz eclipsar a liques em ti raiava.
Num pélagio desajulho submergiste
O gênio teu, miocore fícaros,
E se os deuses, os mórtes, se os homens
Negam o nome e honras de poeta
Aos autores maiores, acaso
Ao tradutor miocore o dariam?

QUE tu pedabonar a eternidade?
Adubos bantejas, traça e tudo
Que se estalha em papéis de ineptos vates.
Nunca pôde saída fama ao templo
Um servil traduz. Não se franqueiam
As súras portões o Parnaso fecham
A alagados invetres dos outros,
Ninguém te, lute, persegue e morre,
E uma empresa luz ninguém deslumbre.
Fitam-se os olhimes na argentea lua
Sem málestia, indor, que o astro nocturno,
Só brilha o d'ho que o sol lhe empresta.
Vem dos outros luz se em ti reflecta,
Apenas mandando teitos ratos.
Se o rival de Wille, o grão Delille,
Ouvir-se aquelhoros verso
"A azul-ferretenciana, a branca"
Com que a emjardins tonaste em matos,
No Tribunal dozo querelara
Do insulso traduz, vate d'ouiteiros.

Errados em eterno, e tu prometes
Das letras ondas escríver-te,
Bilhil emporia luz á eternidade,
Levar contigo lina e as obras suas,
E em turvos lina deixar envetlo
O lusitano conceptso se into

Brilantísimas pléiades que exaltas,
Gado entlo o qual, corneiro, levantas
Mais orgulhosa a frente, porque incensam
As traduções que estólido assalhas?!

NÃO foi soberba no cantor de Mantua
Agourar a seus versos nome eterno,
Pela noite dos séculos rompendo:
Tinha composto a Eneida; e se Horácio
Diz que há-de lido ser t'onde Apolo
Aos últimos Góloes seus raios manda,
O mesmo Apolo em cante o transformara
Para poder voar dum polo a outro,
Nas pandas asas de fugosos hinos;
E se de amor o intérprete, se Ovidio
Promete aos versos seus que nem de Jove
As iras, o rancor, de Jove e os raios,
E a força sempre indignota dos anos
Hão-de trazer-lhe esquecimento ou morte,
Tinha cantado os transmudados corpos
Em novas formas. E que cantaste, Elmano,
Que possa assoberbar da idade a força?

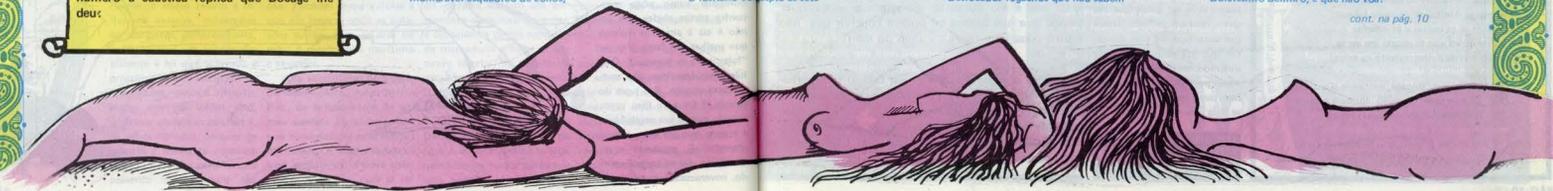
Amodéstia é braso de um gênio illustre,
Dar-se a si um nome é vício, é baldio.
Procura merecê-lo e deixa ao mundo,
Deixa ao futuro século o cuidado,
Que antecipa tens, de dar-te um nome.
Teve Zoilos Homero, e os te vates
Que expôs, cantando, do Troiano as armas.
Também Tasso os sentiu, mas porque aos astros
Pôde subir nas asas da appopila.
A inveja o persaguia, foi muda a inveja
Depois que em cinzas se tornou seu corpo.
Mas que cantaste tu de inveja digno?
A férrea Ullina, que ninguém conhece,
E os loucos zelos de uma vil rascaol
Se te tiram das serpes enroscadas
E das fúrias cruéis de Flegeton.
Se sai do peito teu o inferno, a morte,
Nada mais sabes dar, ficas qual foste,
Seco, infocado, arranjado em versos.
São em ordem retrógrada já lidas
Versos que urdido tens, depois que o estro
Deixaste nas gangélicas ribeiras,
Deslocados fogochos que não sabem

Colgir-se entre si. Bem disse aquele
Que imparcial tem lido as obras tuas,
Carregadas de arfites, de tantas
Enfadonhas metoforas aos pares,
Que "hido um verso teu, são lidos todos",
Enfadonha, cruel monomania,
Que os ouvitos harmónicos estafas.

S E grato aos vates que te sofrem mudo,
Festeja a tua Ullina é glosa em anos,
E, para teres piló, traduz mais versos:
Olha o Píndaro novo, olha o Sófoles,
O novo Horácio, que persegue o vulgo
Dos subâternos vates, que não podem
A humilde tradução erguer seus voos!
Quem te ouvir, ruidamano da poesia,
Dirá que calças trágicos coturnos,
Que embocaste a trombeta da epopéia,
Que tens mais estro, mais furor que Estácio;
Dizes que o verso é teu, que este não morre,
Se bochechudo e enfático repates:
"Se Líbia baquerar, baqueira o mundo";
E dado que se encontre (o que eu te nego)
Em alguns dos autores que escreveram
Lá desde Castánhada de mas Piloto
De comballo das peras o mestiras,
O verbo baquerar, dale ignorante,
Da queda o efeito pela queda toma.

GRITA, espuma no público e nas praças,
Cercado de aguadeiros e marujos,
Mas lavar-te a ti mesmo!... Ah! pobre Elmano!
Doente imaginário, não te queixes
Dum mal que inda não sentes nem mereces.
A inveja segue um bem, qual sombra as luzes;
Tu, chamado Paritono, a todos lidas,
Sabujo impertinente, a todos morde.
Nos outros pões sem pejo as baldas tuas
E queixar-te de sátira?!. - Foi justa
De Talião a pena. E quem te escapa
A dentada satírica? Abocanhas
A virtude e saber de um gênio activo,
Porque estudado de Europa as cultas línguas
E à Pátria venusto estuda e serve.
Que te fez Melisso, se a fome e os anos
Lhe deixam a boca transversal a boca?
Chamas por molha transcurado a Elmira?
Própria escola não foi de Elmira o estado,
Dizes que é baxio e coxo o Trantagano,
Dulcíssimo Belmonte, e que não vos?

cont. na pág. 10



PARACE IMPOSSIVEL

Pois claro que parece impossível, é o que eu digo e hei-de continuar a dizer, porque isto é dizer coisas o que interessa é dizer sempre muitas vezes em continuidade, o que não tem nada que ver com o Sindicato dos Contínuos nem com outra coisa em que vocês estão a pensar porque as pessoas têm a mania de querer saber tudo e depois vem atirar com bocas que é para ver se os outros pensam que eles são muito importantes mas cá comigo isso não pega porque é o que eu digo e hei-de continuar a dizer mesmo que a minha Felismina diga que eu sou uma fala barato e lá nisso ela tem razão porque toda a gente sabe que as coisas são baratas ou caras conforme há muito ou há pouco, e como nisto de falar

nunca houve tanto cá na sarta terrinha onde depois do vinte e cinco de Abril do ano passado o Zé começou a poder botar fala sem que ninguém o malde calar toda a gente pensa que fazer discursos é que é bom porque às vezes até vem o retrato na televisão ou no jornal e quando não vem o retrato vem o nome todo a dizer que ontem no comércio disto ou daquilo falou o senhor fulano que disse mais isto ou mais aquilo mesmo que muitas vezes não diga diz que ele falou e o Zé já fica todo satisfeito e isto é muito giro porque mesmo com toda a malta a falar em toda a parte e não interessa já o que dizem o que interessa é deixar falar começa depois a fazer-se nos jornais e na telefonia e na televisão uma esco-

lha coitados dos desgraçados que tem que a fazer essa escolha eu cá por mim penso que o melhor que eles têm a fazer é meter até caber no tempo do noticiário da televisão ou na página que não seja dos anúncios do jornal ou no tempo todo que a telefonia está a falar sim porque esses mesmos até têm mesmo que falar porque isto de meter músicas é alienante e reaccionário só se não for a gaivota ou o que faz falta é avisar a malta o resto é conversa e então as conversas começam por ser todas contadinhas de alto a baixo se o Zé que está a falar é pessoa muito importante e depois os que já são um bocadinho menos só levam já do seu importante discurso transcrevem os passos seguintes e esses podem muito bem ser chamados os senhores dos passos e depois vem por aí abaixo já os Zés que falarão muito mas não são muito importantes por enquanto e desses já se diz que falou o senhor fulano sobre qualquer coisa que geralmente é sobre um estrado e quando há mais Zés para falar e já não há tempo no telear ou no jornal sem ser tele ou na telefonia os desgraçados que estão de dia aos discursos acabam por dizer para poderem sair dali e ir comer uma bucha que falaram por fim vários oradores que exaltaram qualquer coisa sim porque eles são uns exaltados isto sem desprimor para o meu saudoso Pisco que esse sim esse é que as cantava das boas e das bonitas e os gajos ficavam à rasca cada vez que olhavam para ele e o viam abrir a boca mas isso é outra conversa e eu ainda gostava que o meu amigo Pisco fizesse um livro com os seus discursos que até podia depois ser utilizado nas escolas de mais a mais porque até parece que isso também é um sítio onde se fala muito e as lições do

meu amigo Pisco haviam de ser boas porque o que é preciso é inquirir a malta e pelo caminho que as coisas vão a gente só vê é gajos que falam falam falam e no fim a gente fica sem saber o que é que eles querem visto que não há lulas que cheguem para todos e a gente também não pode fazer a vontade a todos mas isso é outra conversa o que eu digo é que fizeram muito bem em deixar falar a malta por-

que com o falar é que a gente se entende, pelo menos isso é o que a gente pensava claro que agora a coisa é diferente porque como há muita conversa o preço naturalmente baixa com a abundância e é por isso que a minha Felismina diz que eu sou um fala barato eu por hoje não faço mais negócio e fecho a loja e vou ouvir o que os outros dizem para ver se os entendo.



DITOS E CONCEITOS

Aqueles parasitas que continuam a levar uma vida improdutiva pelas mesas dos "cafés" e outros locais de "estacionamento", perante a recomendação que pede mais trabalho a toda a gente, limitem-se, pática e caladamente, a exclaimar: — "Tá bem, deixa!..."

Há quem seja, logicamente, da opinião que os extremos não se tocam — fundem-se. E, quando assim acontece, há sempre quem fique, pelo menos, confundido!...

Se, como diz o rifão: "Quem muito dorme, pouco aprende" — é fantástico que: quem dormiu tanto, durante quase 50 anos (muitos, no corpo dos pais ou avós...), saía tanto de tantas coisas que — não supunham — nem por sonhos!

Aumentou o salário mínimo mas, como os chamados bens de consumo (com muito sumo, aliás, para os intermediários, que continuam a subsistir... à rica) aumentaram o máximo, apesar do falado congelamento dos preços — o aumento congelou automaticamente... e nem chegou!

Se, pelo que se diz se vê, "já não há cão nem gato" que não tenha automóvel — apesar da vida estar má e do aumento do imposto — qualquer pessoa que não possua tal poderá concluir que: não é uma coisa nem outra... além do mais!

Com o preço a que o feijão está, o tal "perfume de feijão colonial" deve estar mais caro que a chamada "água de colónia"! Mais um "popular perfume" que, num país que quer deixar de ser capitalista, se passou para a "alta roda"! Paradoxal, não acham?

SÁTIRA DE JOSÉ AGOSTINHO DE MACEDO

Não voam tanto as pombas como as águias,
Mas todas têm lugar no etéreo espaço.
Píndaro é forte, Anacreonte é brando:
Ambos poetas são, têm no Parnaso
Lugar diverso e no Parnaso existem.
Se um génio triste entoa a nénia triste,
Que é guarda-mor do cemitério exclama.
Young é melancólico; é risinho,
Engraçado Scarron, poetas ambos;
É Melpómene musa, é musa Erato.

SE a ninguém dás louvor, ninguém t'incensa;
Se queres ser louvado, aos outros louva.

O mundo é justo: se o louvor mereces,

O louvor te há-de dar. Nunca o silêncio
Foi da inveja o carácter. Se emudecem,
Tu mereces justíssima indiferença.
Com prudente apatia o sábio escuta
O louvor tua, as investivas tuas.
Um cão que se despreza, ou cala ou foge,
Como foge de ti tímida Ulina,
Se lhe falas d'amor, tornado em bruxo.
No idílio farmacêutico inda fora
Mais meiga Alecto, se de amor falasse:
Arrepiam-se as carnes e os cabelos
À pobre moça que te escuta em verso,
Com torvo rosto descrevendo os zelos.

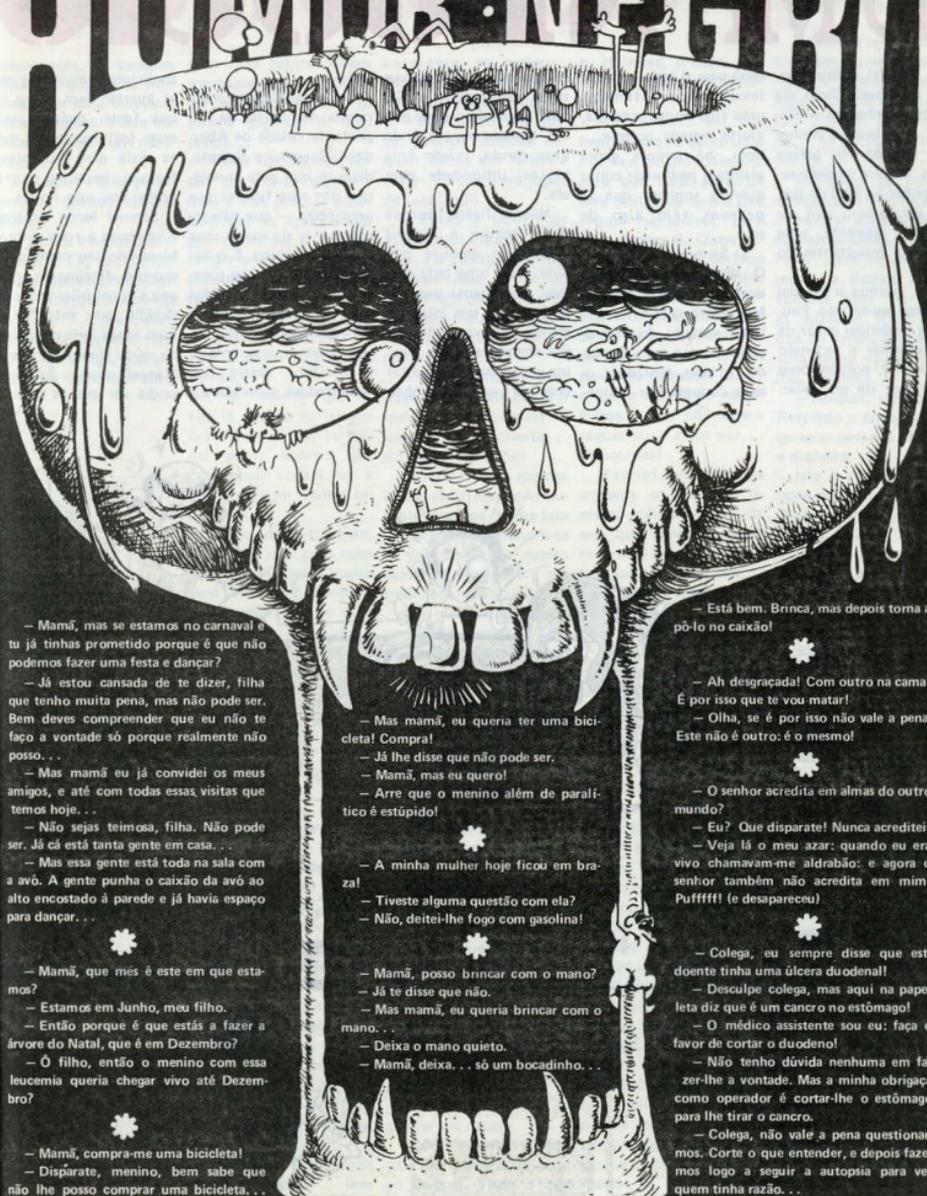
EIS pois, meu Bocage, entra em ti mesmo.
Se queres ser louvado, ajunta e prende
Boa moral com sonoras rimas.

NÃO dorme Elmiro, que tu chamas zoilo,
Não deixa a minha musa o orgulho impune.

ESTE SEMANÁRIO
É TRANSPORTADO
PARA TODO O PAÍS
NOS COMBOIOS DA



HUMOR NEGRO



— Mamã, mas se estamos no carnaval e tu já tinhas prometido porque é que não podemos fazer uma festa e dançar?

— Já estou cansada de te dizer, filha que tenho muita pena, mas não pode ser. Bem deves compreender que eu não te faço a vontade só porque realmente não posso. . .

— Mas mamã eu já convidei os meus amigos, e até com todas essas visitas que temos hoje. . .

— Não seas teimosa, filha. Não pode ser. Já cá está tanta gente em casa. . .

— Mas essa gente está toda na sala com a avó. A gente punha o caixão da avó ao alto encostado à parede e já havia espaço para dançar. . .

— Mamã, que mes é este em que estamos?

— Estamos em Junho, meu filho.

— Então porque é que estás a fazer a árvore do Natal, que é em Dezembro?

— Ó filho, então o menino com essa leucemia queria chegar vivo até Dezembro?

— Mamã, compra-me uma bicicleta!
— Disparate, menino, bem sabe que não lhe posso comprar uma bicicleta. . .

— Mas mamã, eu queria ter uma bicicleta! Compra!

— Já lhe disse que não pode ser.

— Mamã, mas eu quero!

— Arre que o menino além de paraltico é estúpido!

— A minha mulher hoje ficou em braçal!

— Tiveste alguma questão com ela?

— Não, deitei-lhe fogo com gasolina!

— Mamã, posso brincar com o mano?

— Já te disse que não.

— Mas mamã, eu queria brincar com o mano. . .

— Deixa o mano quieto.

— Mamã, deixa. . . só um bocadinho. . .

— Está bem. Brinca, mas depois torna a pô-lo no caixão!

— Ah desgraçada! Com outro na cama! É por isso que te vou matar!

— Olha, se é por isso não vale a pena. Este não é outro: é o mesmo!

— O senhor acredita em almas do outro mundo?

— Eu? Que disparate! Nunca acreditei!

— Veja lá o meu azar: quando eu era vivo chamavam-me aldrabão; e agora o senhor também não acredita em mim! Puffffff! (e desapareceu)

— Colega, eu sempre disse que este doente tinha uma úlcera duodenal!

— Desculpe colega, mas aqui na papelita diz que é um cancro no estômago!

— O médico assistente sou eu: faça o favor de cortar o duodenal!

— Não tenho dúvida nenhuma em fazer-lhe a vontade. Mas a minha obrigação como operador é cortar-lhe o estômago para lhe tirar o cancro.

— Colega, não vale a pena questionar-mos. Corte o que entender, e depois fazemos logo a seguir a autópsia para ver quem tinha razão. . .

UM NEGÓCIO ESCOCÊS

O Samuel andava perdido de cabeça. Claro, ele sempre conheceu a Raquel. Mas tinha-a conhecido quando ela, garota ainda, morava naquela casita pobre ao lado da sua, que era mesmo sem ostentação aparente, uma das mais importantes do bairro.

Sim, porque o Samuel era rico, muito rico. Poucos se poderiam gabar de lhe conhecer a extensão da fortuna, porque, bom judeu que ele era, guar-

da para si essas coisas, levava aparentemente uma vida muito modesta, muito modesta, porque... bom, há sempre gente pronta a pedinchar coisas quando sonham que as pessoas têm algo de seu...

O Samuel não ia nisso. O dinheiro tinha-lhe custado muito a ganhar. Mas agora que a Raquel tinha voltado do estrangeiro e era a mais desejada, a mais tentadora, a mais coquete das mulha-

res que ele já alguma vez tinha conhecido, o Samuel arrepelava-se de não ter, quando ela era ainda uma garota, criado uma maior intimidade com ela.

Não o fizera, porque nesse tempo a Raquel mostrando embora que viria a ser uma bela mulher, era apenas uma rapariga com um interesse muito relativo; e de forma alguma ele teria alguma vez pensado em gastar com ela o seu rico dinhei-

rinho...

Agora a Raquel era a rainha das noites da importante cidade de Aberdeen. Superior e distante, dizia-se que pela concessão dos seus favores por uma noite — que não regateava — ela exigia uma pequena fortuna. E o Samuel... bom o seu coração e outros sentidos mais ou menos ligados a ele, balançavam hesitantes entre o crescente e avassalador desejo pela encantadora escocesa e a

tradicional relutância em se apartar dum xelim só que fosse, quanto mais essas fortunas loucas que se dizia que a deliciosa Raquel impunha como preço das suas noites...

Samuel levou semanas e semanas a rolar o problema no seu cérebro. E quando finalmente chegou a conclusões práticas, decidiu que antes de ir mais longe teria que saber a Raquel queria. As vezes podia ser que as pessoas

exagerassem. E também podia ser que ela se lembrasse que ele a conhecia desde pequena e que até um dia lhe dera uns rebuçados...

A Raquel riu-se perdidamente quando ele lhe falou:

— Mas tu endoideceste, Samuel? Tu, o homem mais poupado e económico de Aberdeen vem-me perguntar...? Nem penses nisso Samuel, sou muito tua amiga, mas como sabes tenho que velar

pelo meu futuro. Quem me quiser tem que me pagar e pagar bem. E tu nunca pagarias o meu preço...

— Mas Raquel, não podes ao menos dizer-me qual é esse preço? Sabes bem que eu ando difícil por ti: eu sei lá quanto tempo o meu sentido de economia resistirá ao desejo dos teus encantos?

— Tu desgrasas-me, menos uns dias para pensar, para me acostumar a ideia ou para a tirar do pensamento... — Ah, já vontade, meu querido Samuel! Pensa o tempo que quiseres! E quando te resolveres... diz-me Adeuzinho!

Samuel ficou a remoer a sua atroz hesitação durante uns dias. Numa luta de morte degladiavam-se o seu crescente desejo pela bela Raquel e a sua tradicional avareza...

Até que finalmente, alguns dias depois, o Samuel, com fundas olheiras a mostrar as longas noites de insónia voltou a encontrar-se com a Raquel:

— Então, amigo Samuel? Já resolveste? Ou é ainda cedo para te perguntar? — O Samuel depois dum ligeira hesitação decidiu-se:

— Pronto, Raquel. Tu desgrasas-me, mas eu não posso mais. Decidi aceitar, mas quero também eu impôr as minhas condições: bem vêes duzentas libras... quero tirar delas todo o partido que me for possível! — E com um relampejar lubrico no olhar:

— E nem tu sabes do que eu sou capaz!

— Ah, quanto a isso, tens plena liberdade, amigo Samuel. Tudo o que

interesse de maior... Deixa-te disso, Samuel. E continuaremos amigos...

— Não posso, não posso, querido, adorada Raquel! Pensa em ti e da noite! Eu por ti era capaz de fazer tudo...

— Então é fácil. Paga as duzentas libras... Tu desgrasas-me, mas dá-me ao menos uns dias para pensar, para me acostumar a ideia ou para a tirar do pensamento...

— Ah, já vontade, meu querido Samuel! Pensa o tempo que quiseres! E quando te resolveres... diz-me Adeuzinho!

Samuel ficou a remoer a sua atroz hesitação durante uns dias. Numa luta de morte degladiavam-se o seu crescente desejo pela bela Raquel e a sua tradicional avareza...

Até que finalmente, alguns dias depois, o Samuel, com fundas olheiras a mostrar as longas noites de insónia voltou a encontrar-se com a Raquel:

— Então, amigo Samuel? Já resolveste? Ou é ainda cedo para te perguntar?

— O Samuel depois dum ligeira hesitação decidiu-se:

— Pronto, Raquel. Tu desgrasas-me, mas eu não posso mais. Decidi aceitar, mas quero também eu impôr as minhas condições: bem vêes duzentas libras... quero tirar delas todo o partido que me for possível! — E com um relampejar lubrico no olhar:

— E nem tu sabes do que eu sou capaz!

tu quiseres, e nessa noite... tudo quanto quiseres!

— Pois bem: em primeiro lugar eu quero uma concentração absoluta para que nada perturbe essa noite que quero que fique e memorável, para mim e para ti. Quero silêncio, apenas cortado por uma suave música.

Quero estar contigo e sair depois a tomar um sorvo de ar fresco, as vezes tomo que me der no dispêndio capricho. Quero sentir o teu corpo maravilhoso, mas não quero sequer ouvir a tua voz...

Concordas? — Raquel encolheu os ombros os homens tinham cada mania! Cada um que conhecia vinha com uma mania nova. Estranhos bichos aqueles...

Mas sempre eram duzentas libras... — Antes de se separarem, o Samuel e a Raquel combinaram tudo: o local do encontro, a hora — local do encontro, a hora — local do encontro — do início dessa noite que o Samuel queria que ficasse memorável, e as suas repetidas exigências...

— Eram já três da manhã. Desde o princípio da noite que Samuel e a encantadora Raquel arruinhavam na obscuridade do luxuoso quarto, e num silêncio cúmplice apenas cortado pela suave música que ele próprio tinha escolhido. E, cumpridor escrupuloso do seu programa, Samuel já tinha por várias vezes interrompido o "tete-a-tete para vir até à pequena salinha que servia de antecâmara a aquele ninho de febril agor. Cigarros sobre cigarros tinham já sido fumados. E ele lá voltava

pouco depois, já reféito a retomar o meio arruinar, ora terno ora violento, num ondular de emoções que pareciam não ter fim...

Raquel já sentia definitivamente arrependida de não ter pedido trzentas libras em vez de duzentas. Porque na realidade... já as merecia largamente...

— As cinco da manhã, quando pela décima vez o Samuel se afastou dela e silenciosamente se preparava para novo interrogatório, a Raquel não se conteve mais. Ao dia das duzentas libras: amanhã ou depois as ganharia! Com muito trabalho. E gritou:

— Acabou, meu velho. Rescindo o contrato, e se quiseres posso-te devolver o dinheiro.

Isto é mais do que se pode pedir a uma mulher. Desisto. DESISTO, OUVISTE, SAMUEL?

E para marcar a sua rescisão das condições acordadas, saltou da cama e lançou-se para o interruptor da luz.

Ficou um momento imóvel, os olhos muito abertos em estática surpresa:

— Tu... você? Quem é você? O... que faz aqui? ONDE ESTÁ O SAMUEL?

O homem agarrou à pressa nas calças e enquanto saltitava a meter uma perna de cada vez, respondeu:

— Bom... o que eu estou a fazer... parece que a senhora deve saber. Quanto ao Samuel...

Bom, eu não o conheço lá muito bem. Mas parece-me que é um senhor de fato castanho que está lá em baixo à porta... a vender bilhetes. Ele disse-me para eu não fazer muito barulho... Mas esteja descançado, que eu não faço. Vou-me já embora...



UMA ENTREVISTA NO FUTURO

Eu tinha-me deitado com a barriga a dar horas como um relógio de cuco que tenho lá em casa. Vocês estão a ver: o almoço tinha-me empaturado com uma sande de queijo adquirida com muito sacrifício ali na esquina do jornal, e tinha ficado mais de meia hora a ver se descobria o processo que o gajo da tasca utilizava para conseguir entalar uma folha transparente de queijo sintético em toda a volta do papo-seco, sem que ele tocasse o interior da amostra de casqueiro, e por fim só tinha conseguido que metade dessa folha transparente de queijo voasse para o chão quando quis ver se havia mais lá dentro do paõ: claro que não havia, e eu tive que andar de gatas por baixo das mesas e var para onde é que tinha voado e só a consegui descobrir debaixo do pé dum gajo que estava a comer gulosamente um caldo verde e se recusou

terminantemente a levantar o pé.

Claro que fiquei lixado porque tive que comer o papo-bi-seco e pegar uma sande de queijo.

Evidentemente que eu não tenho esses hábitos burgueses de lanchar o faivóloque das cinco mas um copito sempre bebi. E depois quando cheguei a casa e a patroa me disse que a respeito de jantar népia porque o merceeiro tinha boicotado os fiados chamei-lhe boi (a ele) e fui para a cama que é parte quente, especialmente agora no verão, a pensar que se eu estivesse numa missão espacial também tinha que me aguentar sem as estúpidas empaturradas que as pessoas costumam meter na pança e que só servem para abreviar a vida de cada um.

E dormi. E sonhei. Eu era um repórter do futuro...

O senhor presidente está?

— Está sim senhor. Vai

agora almoçar. V. excelência deseja?

— Entrevistá-lo. Se não vê inconveniente...

— Não vejo nenhum. Faça o favor de entrar. Certamente almoçará com o senhor presidente... ou já deglutiu a sua pastilha?

— Por acaso ainda não. Sabe, estive a trabalhar uns minutos mais — compreende: esta coisa da promoção da produção! — e esqueci-me de todo que tinha aqui no meu estojó de sobrevivência uma pastilha dum novo tipo de almoços, que um propagandista me forneceu ainda ontem para eu fazer uma publicidade redigida a seu respeito. Vamos?

— Certamente. Já avisei por vibrações acústicas a sua presença no palácio.

O pequeno rectângulo onde nos encontrávamos, coberto com uma espessa carpete de veludo plástico vermelho vivo, ergueu-se do chão (erguendo-

nos evidentemente a nós, e elevou-se até ao andar nobre. Demos um passo para a frente e imediatamente a carpete azul turquesa que pisamos começou a deslizar até ao salão nobre onde se encontrava o senhor presidente, que ao vernos se ergueu do largo sofá onde se encontrava sentado veio ao meu encontro de mão estendida:

— Como está o mais lídimo dos cultores das letras de todo o nosso pequeno planeta? Vai dar-me a honra de partilhar do meu frugal almoço? Tenho hoje uns novos modelos de pastilhas de sopas que me dizem qer excepcionais: consta que a fábrica que os produz conseguiu sintetizar os mais capitosos sabores da natureza ao ponto de tornar uma simples refeição — o simples engolir duma pastilha — num prazer quase a tocar pelo camexinoso!

— É muita bondade sua, senhor presidente! Eu tenho comido a minha habitual pastilha de almoço, que até por coincidência é dum novo tipo que me dizem ser uma maravilha: será o mesmo?

— É natural que sim: dizem-me que as modernas técnicas da alimentação evoluíram muito nos últimos tempos: imagine o meu ilustre amigo que ao que parece até se lançaram já no mercado pastilhas que ao contacto com a mucosa interior da

boca dão a sensação viva dum grosso molho de bife...

— Que horror! Bife? Creio que já ouvi essa palavra em qualquer sítio... seria num livro de história antiga?

— Devia ser. Creio que os antigos costumavam devorar — imagine que asco! — a carne duns animais que existiam nessa época, e para a tornarem ainda mais nojenta preparavam um liquido grosso com sabores esquisitos com que a adubavam antes de a comerem... Quer servir-se da minha pastilha?

— Por amor de Deus, meu ilustre amigo: sirva-se o senhor da minha! Eu acho que devemos na vida experimentar tudo. Vamos experimentar esta tal novidade do estranho sabor?

— Vamos! Eu afinal tenho obrigações perante o meu público, e quero dar-lhes o relato das minhas experiências. Deixe cá ver a pastilha!

— Aqui a tem... já a pôs na boca? Que tal?

— ... hmmm... hmmm — Então, acha assim tão repugnante?

— H m m m... sim... parece que...

— Oh! mesmo desembuche! Está a sentir-se mal? Posso trazer-lhe um copo de água?

— Não. De-me antes um copo de tinto. Esta coisa das pastilhas com molho de bife está mesmo a pedir um balde de três...

A FUNÇÃO EROTICA

ALDEGUDES

— À cabeça e a outros lados! Ai, mamã, em certa altura até me faltou o ar! O que me valeu foi que o gentilhomem que me acompanhava me socorreu com respiração boca a boca...

D. BRIOLANJA

— Minha filha, eles fazem hoje também essa função?

ALDEGUDES

— Se fazem? Todos os dias e todas as noites, mamã! E a desta noite está quase a começar! É por isso que eu estou com pressa para sair...

D. BRIOLANJA

— Minha filha: é teu dever ajudar a tua progenitora. Aguarda apenas um momento que chegue o papá. E não lhe digas nada aonde vamos. Sempre quero ver se consigo que também lhe suba o sangue à cabeça, ou se é mesmo um caso perdido...

Sem postições, sem peruca, sem qualquer tratamento — e contudo

"Uma Cabeleira abundante em 4 horas apenas"



Hoje? Fantástico! Não. Com efeito, com o processo de entretimento de cabelos Eurocabe, em cerca de 4 horas, voltar a ter cabelo natural como se se tratasse do seu próprio cabelo. Tal se consegue através de uma técnica perfeita desentortada e aperfeiçoada durante anos. Os seus próprios cabelos, desde que sejam uma cor de cabelo são entretidos, suavizados e finalmente com o cabelo tratado, cuidadosamente desentortado. O cabelo é pastilhado de acordo com os seus desejos. Também de acordo com os seus desejos, pode com



o processo de entretimento de cabelos Eurocabe e através de luses sucessivas, acrescentar mais o mais cabelos. Com o processo de entretimento de cabelos Eurocabe, cresce o crescimento já utilizado em 8 países de Europa pode sentir-se seguro e relaxar, tomar banho, lavar a cabeça, dormir, andar em carros abertos, numa palavra — fazer tudo o que lhe agrade. Venha já, mesmo sem entrevista, mostrar o seu desempenho. O cabelo muda sempre para um cabelo novo e o caminho da Eurocabe. Rua, Avenida Salgueiros, 31-A - Lisboa - Tel. 25 96 92 Rua da Bandeira, 331-4-D - Porto - Tel. 27871

eurocabe

Instituto para Novos Cabelos
Uma nova personalidade em quatro horas

OLHEM QUE É DURO

Conquanto, no mundo em que vivemos (haverá outro? Pior ou melhor?), a melhor coisa que possa acontecer a qualquer seja, talvez, não ter muita gente de roda, mesmo em momentos difíceis (as muitas boas vontades desajudam e cometem por vezes enganos e desajudam, quando não tramam...; as muitas solitudes: "precisa isto?", "vê lá se queres aquilo?", "olha que assim não está bem..." etc., etc., chateiam bastas vezes um pobre de Cristo em "mas lençóis"...), o certo é que, na inversa, ninguém gostará (é capaz de haver, não acham?) desaparrado, especialmente pelas pessoas de família, mesmo que elas sejam, até, daquelas que valia mais não serem! Ora, qualquer pessoa ver-se hospitalizada — um dos sítios onde, diz-se, se conhecem os amigos (quantos não vão lá só para ver se o doente embarca, quantos?... — sem que ninguém lhe chegue à cabeceira para além dos enfermeiros e médicos (quando eles não são

daquelles de deixar os doentes entregues à sua sorte — pouca sorte ou infelicidade, melhor dizendo), deve ser bastante chato e deprimente. Dizemos: "deve ser", porque por felicidade nunca passámos por isso. Nunca passámos e fazemos votos (livres... embora possam não ser considerados para os devidos efeitos...) para que tal jamais nos aconteça. Amigos, fora dos hospitais e de outros sítios onde nunca estivemos... por mal, sempre vamos conhecendo alguns bons, ou muito aproveitáveis, no meio das multidões de "amigos da onça" que nos surgem a cada passo. Mas, tudo isto (e o mais...), como atrás dizemos, não nos garante que não iremos parar ainda seja onde for, enquanto por cá andarmos... Já temos ido a tanto sítio (e já nos têm, também, mandado a muitos lados... onde nunca fomos. Vão eles... e que lhes faça bom proveito!) que, no caso de nos tocar pela prôa (ou pela ré) a cama de um hospital, não nos suceda, até,

por exemplo, o que há pouco aconteceu a um israelita que, devido a um acidente de tráfico, foi parar a um hospital de Telavive... e foi dado como morto! Após sair do chamado estado de choque, e passada que foi uma semana, o homem começou a ficar chocado por ninguém de família lhe aparecer à cabeceira. Deu-se, então, a indagar das razões de tal ausência, por intermédio do pessoal hospitalar, e veio a saber que, afinal, o motivo era só um e lógico: tinha morrido no próprio dia do acidente, no dia seguinte sua mulher fora chamada a identificar um corpo, identificara-o como sendo o seu — dele, marido — e o mesmo descerá à terra fria depois de cumpridas as formalidades legais. Desfeito o engano — que as autoridades policiais e hospitalares procuram determinar como se deu (e a nós, causa-nos estranheza como é que uma mulher não conhece bem o corpo do marido, mesmo chocada com o acontecido...) — decerto que a família do "defunto" terá ocorrido, pressurosa, a visitá-lo. Pomos isto, condicionalmente porque a notícia e omisa a tal respeito e, pode ter sucedido: os familiares tenham dito: — Está morto, está morto — morto e enterrado e... acabou-se! De qualquer modo, olhem que é duro (deve ser, repetimos...) uma pessoa sentir-se só e abandonada, sem que ninguém lhe chegue ao pé, "amarrado" ainda por cima a uma cama... Mas, contudo, este ainda teve uma compensação que muitíssimos não terão tido: ter morrido é estar vivo! E, isso, muito embora este planeta seja aquilo que todos (ou nem todos?) nós sabemos, tenha em si muita coisa errada e, por isto ou por aquilo, alguns ponham termo à vida, o "acordar vivo" continua a ser uma grande coisa... Até para muitíssimos infelizes que não podem (isso não...) acordar bem dispostos!...

FILOSOFIAS DE PATALCO... TÁVEZ NÃO!

Santos de casa não fazem milagres... quando não são santos ou as circunstâncias não lho permitem!

Se Adão e Eva se têm enforcado na macieira, em vez de terem comido a maçã (foi a meias, não foi?), não haveria agora tanta gente neste Mundo com a corda no pescoço!

O respeito, pelos outros é muito bonito. Multos, porém, só assim o entendem em relação a si próprios!

Deve ser mesmo verdade que os bons morrem mais cedo. Cada vez parece haver menos gente boal!

O "verniz" de certas pessoas é como o gelo fino — quebra-se de nada!

De nada vale ter-se muita força, quando há quem tenha a força toda!

Entre o muito ou pouco que de bom se faz e aquilo que poderia ou deveria ser feito, está o tal campo aberto a quanto não se deveria fazer e se faz!



Aqui há tempos, em Vancouver, no Canadá, entrámos numa cervejaria com um amigo e depáramos com uma indiana, de facto muito feia. Ela surra, em português, disse-nos ao nosso amigo: — "Esta é mesmo descendente do macaco"... Resposta do nosso amigo, no mesmo jeito: — "Não, o macaco é que é descendente dela!..."

Nunca a razão deveria subverter o direito nem o direito deveria subverter a razão — mas, é isso que muito acontece... até legalmente!

— O seu estúpido, não vê onde põe os pés? Julga que anda no deserto?

— Talvez... mas, nunca me passou pela cabeça pisar um camelo!

Dizia-nos há dias um amigo: *
— "Para lá de tudo o mais, o certo é que continuamos a ter que apertar o cinto dia após dia!" Na verdade, o nosso amigo tinha (e tem) razão. Os que as "grandes" agora também têm que aconchegar o có das calças — embora não tanto como os pequenos, evidentemente!

Repórter Xispas

OS RIDICULOS

O MAIS ANTIGO
SEMANÁRIO HUMORÍSTICO PORTUGUÊS

DIRECTOR
SILVA NOBRE

PROPRIEDADE
HUMBERTO S. NOBRE

Redacção, administração, composição e distribuição
R. Conde Redondo n.º 12-2º LISBOA
Tel. 538585-537949-48668-563158

Impresso na Empresa do
JORNAL DO COMÉRCIO, S.A.R.L.

SUPERMANOS

LARGO DO MASTRO 5 (AO CAMPO DE SANTANA)

TEL. 562411/10 LINHAS



A MAIS
FABULOSA
GAMA DE
APARELHAGENS
ELECTRODOMÉS
TICA E DE
SOM
ESTEREOFÔNICO
DAS MAIS
FABULOSAS
E
ACREDITADAS
MARCAS
MUNDIAIS

MOBÍLIAS MARAVILHOSAS EM TODOS OS ESTILOS
COLCHÕES SENSACIONAIS DE CONFORTO
"EPEDA" E "DELTALOC"